



Global Entrepreneurship Monitor

2011

Empreendedorismo no Brasil Relatório Executivo





Global Entrepreneurship Monitor

2011

Empreendedorismo no Brasil Relatório Executivo



COORDENAÇÃO DO GEM

INTERNACIONAL

Global Entrepreneurship Research Association – GERA

Babson College, Estados Unidos

Universidad del Desarrollo, Chile

Universiti Tun Abdul Razak, Malásia

London Business School, Reino Unido

NACIONAL

Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP)

INSTITUIÇÕES EXECUTORAS DO GEM NO BRASIL

Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP)

Eduardo Camargo Righi – Diretor Presidente

Alcione Belache – Diretor Executivo

Maurício Fernando Cunha Smijtkink – Diretor Executivo

Fundação Getúlio Vargas - FGV-EAESP

Carlos Ivan Simonsen Leal – Presidente da FGV

Maria Tereza Leme Fleury – Diretora da Escola de Administração de Empresas de São Paulo

Tales Andreassi – Coordenador do Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) – Patrocinador Master

Roberto Simões – Presidente do Conselho Deliberativo Nacional (CDN)

Luiz Eduardo Pereira Barretto Filho – Diretor Presidente

Carlos Alberto dos Santos – Diretor Técnico

José Claudio dos Santos – Diretor de Administração e Finanças

Pio Cortizo – Gerente da Unidade de Gestão Estratégica (UGE)

Serviço Social da Indústria (SESI/PR)

Edson Luiz Campagnolo – Presidente SESI/PR

José Antonio Fares – Diretor Superintendente SESI/PR

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Zaki Akel Sobrinho – Reitor

Sergio Scheer – Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Emerson Carneiro Camargo – Diretor Executivo da Agência de Inovação UFPR

Instituto de Tecnologia do Paraná – Tecpar

Júlio César Felix

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação Geral - IBQP

Simara Maria de Souza Silveira Greco

Coordenação de Análises e de Redação - FGV-EAESP

Tales Andreassi

Equipe Fixa - IBQP

Romeu Hebert Friedlaender Junior

Mario Tamada Neto

Pesquisadores e analistas

Eliane Cordeiro de Vasconcellos Garcia Duarte - UFPR

Gilberto Sarfati - FGV-EAESP

Joana Paula Machado - IBQP

Laura Pansarella - FGV-EAESP -

Marcelo Aidar - FGV-EAESP

Mario Tamada Neto - IBQP

Marcus Salusse - FGV-EAESP

Rene Rodrigues Fernandes - FGV-EAESP

Rodrigo Hermont Ozon - IBQP

Romeu Hebert Friedlaender Junior - IBQP

Simara Maria de Souza Silveira Greco - IBQP

Tales Andreassi - FGV-EAESP

Vanderlei Moroz - UFPR

Vania Nassif - FGV-EAESP

Revisão

Júlio César Felix - TECPAR

Pesquisa de Campo com População Adulta

Bonilha Comunicação e Marketing S/C Ltda.

Pesquisa de Campo com Especialistas Nacionais em Empreendedorismo

Entrevistadores

Simara Maria de Souza Silveira Greco

Romeu Hebert Friedlaender Junior

Ana Beatriz Tiemi Kawakami

Leonardo Henrique Nardim

Graça Maria Simões Luz

Capa

Fabiane Solarewicz de Lima

Projeto gráfico e diagramação

Juliana Montiel

Gráfica

Imprensa da UFPR

O presente relatório resume os principais assuntos abordados e conteúdos da publicação “GEM – Global Entrepreneurship Monitor : Empreendedorismo no Brasil 2011”, resultado da pesquisa internacional da qual o Brasil participa pelo 12º ano consecutivo.

O Global Entrepreneurship Monitor – GEM é projeto de pesquisa sem fins lucrativos que tem por objetivo a geração e divulgação de informações sobre a atividade empreendedora em âmbito mundial. Foi iniciado em 1999, fruto de uma parceria entre Babson College e London Business School. No Brasil, o GEM é conduzido, desde seu início, pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade – IBQP, com o apoio técnico e financeiro de diversas instituições nacionais, destacando-se o SEBRAE como parceiro desde 2001. Em 2011, o IBQP firmou uma parceria com o Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas para que os resultados fossem analisados conjuntamente pelas duas instituições.

Neste ano de 2011 a pesquisa do GEM contou com a participação de 54 países que realizaram as duas principais atividades de pesquisa: o levantamento de dados junto à população com idade entre 18 e 64 anos e a obtenção de opiniões de profissionais e empreendedores sobre as condições existentes nos países para o desenvolvimento de novos negócios. Especificamente com relação à pesquisa GEM no Brasil, foram entrevistados 2000 indivíduos entre 18 e 64 anos, representativos da população brasileira nesta faixa etária e 36 profissionais de diversos segmentos da sociedade brasileira, relacionados ao empreendedorismo, que relataram sua visão sobre as condições para empreender no Brasil.

O GEM agrupa as economias dos países participantes em três níveis: países impulsionados por fatores, países impulsionados pela eficiência e países impulsionados pela inovação. As economias impulsionadas por fatores são dominadas pela agricultura de subsistência e negócios extrativistas, com uma forte dependência do trabalho e dos recursos naturais. Nas economias impulsionadas pela eficiência o desenvolvimento é caracterizado pela industrialização e pelos ganhos em economias de escala, com predominância de grandes organizações

intensivas em capital. À medida que o desenvolvimento avança, os negócios são mais intensivos em conhecimento e o setor de serviços se expande, caracterizando as economias impulsionadas pela inovação. Na pesquisa GEM 2011, participam 7 países do grupo fator, 24 países do grupo eficiência e 23 países do grupo inovação. O Brasil pertence ao grupo eficiência.

1

POSTURA DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO À ATIVIDADE EMPREENDEDORA E CONDIÇÕES PARA EMPREENDER NO BRASIL E NOS DEMAIS PAÍSES PARTICIPANTES

1.1 Mentalidade empreendedora no Brasil

Acompanhar a mentalidade de uma população com relação ao tema empreendedorismo é reconhecidamente importante, pois a mesma revela a disposição dos indivíduos de um país com relação ao empreendedorismo e seu potencial para empreender. Quando indivíduos são capazes de reconhecer as oportunidades de negócios no ambiente em que atuam, e de perceber que possuem capacidade para explorá-las, toda a sociedade é beneficiada, seja com o aumento da criação de empregos, seja com o aumento da riqueza do país.

Para esse acompanhamento, o GEM pesquisou o conhecimento sobre a abertura de novos negócios, oportunidades e capacidades percebidas, medo de fracasso e percepções sobre empreendedorismo.

1.1.1 Conhecimento sobre a abertura de novos negócios

O Brasil aparece na 15ª posição quando comparado a todos os outros 54 países da base GEM, com proporção de 39,38% dos entrevistados afirmando conhecer pessoas que abriram negócios nos últimos dois anos. Em relação aos países de seu grupo-eficiência, o

Brasil aparece na 7ª posição. No mesmo grupo, encontra-se a China com proporção de 67,75%. A China, aliás, é entre todos os países da base do GEM o que apresenta índice mais alto neste critério. Já o Japão é o país que apresenta a proporção mais baixa de afirmações entre todos os países (14,91%).

No Brasil, os empreendedores em estágio inicial afirmam ter mais conhecimento sobre pessoas que começaram um novo negócio nos últimos dois anos (54%) do que os empreendedores estabelecidos (50%). A interpretação desse fenômeno pode estar relacionada ao fato de que os empreendedores em estágio inicial, ao buscarem mais informações sobre o processo de empreender, tendem a entrar mais em contato com outros empreendedores que passaram recentemente ou que estão passando pela mesma experiência de criação de um novo negócio.

1.1.2 Oportunidades e Capacidades Percebidas

É possível notar que a proporção dos brasileiros respondentes que percebem oportunidades para empreender nos próximos seis meses é de 43,06% (24º lugar). Já a proporção dos que afirmam ter a capacidade necessária para começar um novo negócio é de 52,78% (17º lugar). Quando comparado aos países de seu grupo, o Brasil encontra-se em 11º lugar, em ambos os critérios. Já os respondentes da Colômbia, entre todos os países, são os que têm percepção mais alta sobre oportunidades de empreender (73,06%). Neste item destaca-se também a Suécia, entre os países do grupo-inovação (71,49%).

Com relação às oportunidades e capacidades percebidas pelos empreendedores de diferentes estágios no Brasil, os empreendedores em fase inicial tendem a perceber mais as oportunidades de novos negócios na região onde vivem (58,10%) do que os empreendedores estabelecidos (51,5%). Quanto à capacidade percebida para dar início às novas oportunidades de negócios tanto empreendedores iniciais quanto estabelecidos apresentam confiança em suas competências.

1.1.3 Medo do fracasso

Foi observado que a proporção dos brasileiros que afirmam que o medo de fracassar impediria o começo de um novo negócio é de 35,32%. Nessa categoria de análise, o Brasil encontra-se em 38º lugar, sendo o medo de fracassar de seus respondentes mais baixo do que o da média dos respondentes de todos os países (39,4%) e da média dos países de seu grupo (37,18%).

Com relação à percepção sobre o medo de fracassar percebido pelos empreendedores de diferentes estágios no Brasil, os empreendedores estabelecidos têm mais receio de fracassar (26,8%) do que empreendedores iniciais (20,5%). É possível que essa diferença se explique pelo fato de que empreendedores estabelecidos já estejam mais consolidados no mercado, e, portanto, tenham mais medo de arriscar por terem mais recursos a perder.

1.1.4 Percepções sobre o empreendedorismo

O Brasil, entre os entrevistados do grupo dos países movidos pela eficiência, destaca-se como o país que tende a perceber mais o respeito da sociedade por seus empreendedores de sucesso (86,33%) superando inclusive a China. De forma geral, as percepções sobre o empreendedorismo dos entrevistados brasileiros, quando comparadas a todos os países, estão entre as mais altas. Nesse cenário, o Brasil ocupa posição relevante, estando em 3º lugar com relação à percepção sobre a atenção dada pela mídia aos empreendedores locais e sobre o empreendedorismo como boa opção de carreira, e em 2º lugar em relação à percepção sobre o respeito da sociedade pelos empreendedores. Tais percepções são muito positivas e retratam a valorização da cultura empreendedora pela sociedade brasileira.

Constatou-se também que:

- Todos os tipos de empreendedores têm uma boa percepção do empreendedorismo como opção de carreira (90,90%)

- Todos os tipos de empreendedores têm boa percepção sobre o status atribuído aos empreendedores de sucesso (91,35%)
- A percepção sobre a atenção da mídia de negócios ao tema é elevada. Empreendedores iniciais (90,6%) têm essa percepção mais elevada do que empreendedores estabelecidos (86,30%).

1.2 Condições para empreender no Brasil (EFCs) – Opiniões dos especialistas entrevistados

A Pesquisa GEM utiliza, além do questionário principal, um segundo instrumento que é aplicado a um grupo de especialistas em cada país participante, por meio do qual são avaliadas questões relacionadas às condições de empreender (*Entrepreneurial Framework Conditions - EFC's*). O questionário é finalizado por uma questão aberta que solicita ao entrevistado indicar os três aspectos que considera mais limitantes ao empreendedorismo, os três mais favoráveis e três recomendações para melhorar o cenário.

Em relação aos fatores favoráveis foram apontados Normas Culturais e Sociais, Acesso ao Mercado/ Abertura e Barreiras à Entrada, Clima Econômico, Oportunidade e Capacidade Empreendedora. Dentre os fatores passíveis de melhoria, destacam-se Políticas Governamentais, Apoio Financeiro, novamente Normas Culturais e Sociais e Educação e Capacitação.

EMPREENDEDORES DO BRASIL E PAÍSES PARTICIPANTES DO GEM SEGUNDO O ESTÁGIO DOS EMPREENDIMENTOS E NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DOS PAÍSES

2.1 Principais taxas em 2011: Brasil e demais grupos de países

Segundo os conceitos e metodologia adotados pelo GEM, constata-se pela pesquisa que no Brasil em 2011, 26,9% dos indivíduos adultos da população eram proprietários ou administradores de algum negócio. Esta medida nos remete a 27 milhões de brasileiros de 18 a 64 anos envolvidos na criação ou administração de algum tipo de negócio, independentemente do seu porte, nível de sofisticação ou tempo de existência.

Isto significa que mais de um quarto da população brasileira, entre 18 e 64 anos, está envolvida com empreendedorismo, o que por si só é uma boa justificativa para a importância econômica e social do tema e a necessidade de mobilização e desenvolvimento de ações para seu desenvolvimento e consolidação. Tais ações devem advir dos vários segmentos da sociedade, como por exemplo o estabelecimento de políticas públicas de âmbito municipal, estadual e federal, universidades públicas e privadas, sistema financeiro, empresas, institutos de pesquisa, organizações não governamentais, entre outros.

Refinando o percentual geral de empreendedores, verifica-se que 14,9% são empreendedores em estágio inicial – os componentes da TEA – sendo 4,1% empreendedores nascentes e 11% empreendedores novos¹. Os demais 12,2% são empreendedores estabelecidos.

¹ Alguns empreendedores são classificados como inicial e estabelecido ao mesmo tempo, pois possuem mais de um negócio. Por essa razão, a soma dos percentuais dos empreendedores iniciais (14,9%) e dos estabelecidos (12,2%) é um pouco maior do que a taxa de empreendedores (26,9%)

Transformadas as taxas em números absolutos, pode-se estimar que em 2011, 15 milhões indivíduos estavam envolvidos na criação ou administração de um negócio em estágio inicial e 12 milhões eram proprietários ou administravam algum negócio com mais de três anos e meio de existência.

2.1 Evolução da TEA do Brasil de 2002 a 2011

O quadro 2.1 apresenta a taxa de empreendedorismo em estágio inicial no Brasil de 2002 a 2011. Observa-se que a TEA brasileira parece

Quadro 2.1 - Evolução das taxas de empreendedores segundo o estágio do empreendimento – Brasil – 2002:2011

Estágio	Taxas										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002:2011
Empreendedores Nascentes	5,68%	6,51%	4,98%	3,15%	3,50%	4,29%	2,93%	5,78%	5,79%	4,09%	4,67%
Empreendedores Novos	8,46%	6,90%	8,88%	8,20%	8,62%	8,72%	9,29%	9,75%	11,83%	11,04%	9,17%
Empreendedores Iniciais	13,52%	12,89%	13,48%	11,30%	11,65%	12,72%	12,02%	15,32%	17,50%	14,89%	13,53%
Empreendedores Estabelecidos	7,76%	7,62%	10,11%	10,10%	12,09%	9,94%	14,59%	11,84%	15,26%	12,23%	11,15%

Fonte: Gem Brasil 2002:2011

obedecer a um ciclo trienal de ascensão e queda. Embora em 2009 e 2010 esta tenha apresentado diferença positiva em relação a 2008, em 2011 ela retoma a regularidade observada entre 2002 e 2008 e volta a se aproximar da média de 13,5%.

Em se tratando dos empreendedores estabelecidos, as variações das taxas de ano para ano são mais perceptíveis, tendo havido uma redução mais acentuada de 2010 para 2011, como pode ser verificado no quadro a seguir.

Dentro do grupo de empreendedores iniciais, a taxa de empreendedores nascentes sofre menos oscilações que as demais taxas (novos e estabelecidos). Isto pode significar que o número de pessoas que inicia um negócio obedece a uma certa regularidade, independentemente da situação política ou econômica brasileira. No entanto, o contexto no qual a empresa está inserida torna-se mais influente à medida que o tempo passa, haja vista que as oscilações de um ano para outro nos empreendedores estabelecidos são bem mais significativas.

2.3 Comparação das taxas do Brasil com demais países em 2011

Na comparação com os demais países participantes da pesquisa em 2011 do quadro 2.2, a TEA do Brasil (14,89%) encontra-se acima da média dos países participantes (10,95%), situando-se na 13ª posição e acompanhando a média dos países do grupo-eficiência (14,09%), situando-se na 10ª posição nesse grupo de países. A TEA mais alta do grupo-eficiência e dentre todos os países participantes foi a da China

Quadro 2.2 - Empreendedores segundo o estágio do empreendimento – Grupo de Países – 2011

Estágio		Grupos de Países							
		Todos os Países (54 países)		Impulsionados por fatores (7 países)		Impulsionados pela eficiência (24 países)		Impulsionados pela inovação (23 países)	
		Taxa	País	Taxa	País	Taxa	País	Taxa	País
Empreendedores em Estágio Inicial (TEA)	Mais alta	24,01	China	19,31	Guatemala	24,01	China	12,34	Estados Unidos
	Média	10,95	...	13,44	...	14,09	...	6,92	...
	Mais baixa	3,65	Eslovênia	9,07	Paquistão	4,57	Rússia	3,65	Eslovênia
	Brasil	14,89	13º	14,89	10º
Empreendedores Nascentes	Mais alta	17,86	Peru	13,05	Venezuela	17,86	Peru	8,29	Estados Unidos
	Média	6,61	...	9,21	...	8,02	...	3,97	...
	Mais baixa	1,91	Eslovênia	5,34	Bangladesh	2,37	Rússia	1,91	Eslovênia
	Brasil	4,09	37º	4,09	20º
Empreendedores Novos	Mais alta	14,15	China	9,13	Guatemala	14,15	China	5,08	Coreia do Sul
	Média	4,56	...	4,78	...	5,95	...	3,05	...
	Mais baixa	1,55	Hungria	1,70	Paquistão	1,55	Hungria	1,63	Dinamarca
	Brasil	11,04	3º	11,04	3º
Empreendedores estabelecidos	Mais alta	30,11	Tailândia	11,60	Bangladesh	30,11	Tailândia	15,79	Grécia
	Média	7,02	...	5,60	...	7,25	...	7,22	...
	Mais baixa	1,57	Venezuela	1,57	Venezuela	2,00	Hungria	2,38	França
	Brasil	12,23	4º	12,23	3º

Fonte: GEM 2011

Nota: As taxas são apresentadas na forma de percentual (%).

(24,01%). As TEAs mais altas no grupo-fator e no grupo-inovação ficaram respectivamente com a Guatemala (19,31%) e com os Estados Unidos (12,34%). Já os países participantes da pesquisa com menor TEA foram Paquistão (9,07%), Rússia (4,57%) e Eslovênia (3,65%), respectivamente nos grupos fator, eficiência e inovação.

A taxa de empreendedores estabelecidos do Brasil (12,23%), quando comparada aos demais países também no quadro 2.2, coloca o país bem acima da média tanto no total de países (7,02%), quanto nos países do grupo-eficiência (7,25%), ficando na 4ª e 3ª posições respectivamente para os dois grupos analisados. A Tailândia apresenta a taxa mais alta para empreendedores estabelecidos (30,11%) tanto no total de países quanto no grupo-eficiência. As taxas mais baixas de empreendedores estabelecidos ficaram com a Venezuela (1,57%) no total de países e com a Hungria (2%) nos países do grupo-eficiência.

3

CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDEDORES

3.1 Motivação

O campo do empreendedorismo encontra-se em pleno desenvolvimento e o entendimento acerca dos aspectos relacionados à motivação (empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade), seja para começar uma atividade ou para transformar algo existente em um projeto empreendedor tem sido um dos maiores desafios. Os empreendedores por necessidade são aqueles que iniciam um empreendimento autônomo por não possuírem melhores opções para o trabalho e então abrem um negócio a fim de gerar renda para si e suas famílias. Os empreendedores por oportunidade optam por iniciar um novo negócio, mesmo quando possuem alternativas de emprego e renda, ou ainda, para manter ou aumentar sua renda pelo desejo de independência no trabalho.

A razão entre empreendedorismo por oportunidade e por necessidade do Brasil apresentou um pequeno aumento de 0,06 unidades de 2010 para 2011. Já em relação à oportunidade como percentual da TEA, o aumento foi de quase 1 ponto percentual. Tais indicadores são importantes, pois revelam uma mudança no perfil do empreendedor brasileiro. Se no início da pesquisa GEM, há 12 anos, a razão oportunidade/necessidade era próxima de 1, hoje o indicador já está bem mais próximo dos países mais desenvolvidos. Os resultados da pesquisa GEM 2011 mostram que o empreendedorismo por oportunidade no Brasil de 2002 até 2011 vem oscilando ano a ano, obtendo uma média proporcional de 7,83% por oportunidade² e 5,52% por necessidade.

Quadro 3.1 - Empreendedores iniciais segundo a motivação - Brasil - Comparativo 2010-2011

Motivação	Empreendedores Iniciais	
	2010	2011
Oportunidade	11,85%	10,23%
Necessidade	5,44%	4,56%
Razão oportunidade/necessidade	2,18	2,24
Oportunidade como percentual da TEA	67,71%	68,70%

Fonte: GEM Brasil 2010 e 2011

3.2 Empreendedores segundo o gênero

Historicamente verificou-se uma tendência de crescimento da participação das mulheres até atingir cerca de metade do total de empreendedores na TEA, estabilizando-se próximo deste patamar, nos anos mais recentes, conforme mostra a figura 3.1.

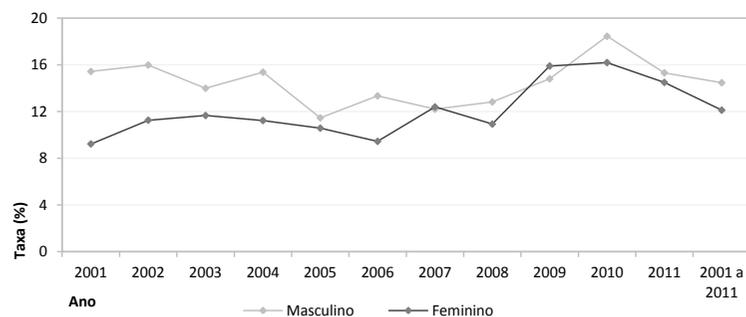
Apesar da taxa de empreendedorismo feminino no Brasil ser um pouco inferior à taxa de empreendedorismo masculino, o Brasil tem uma das mais altas taxas de empreendedorismo feminino entre

² Essa taxa é calculada dividindo-se o total de empreendedores por oportunidade pelo total de pessoas entrevistadas. O mesmo raciocínio se aplica aos empreendedores por necessidade.

os países participantes da pesquisa GEM, sendo considerada a quarta maior proporção entre os 54 países pesquisados.

Uma das explicações para o alto envolvimento de mulheres brasileiras no empreendedorismo pode ser a flexibilidade que um negócio próprio acaba acarretando à mulher. Muito embora o empreendedor trabalhe tanto ou até mais que um empregado de uma grande empresa, o fato da mulher empreendedora poder gerenciar seu próprio negócio acaba favorecendo a conciliação dos horários do trabalho com a educação dos filhos e o gerenciamento do lar. Mesmo que a educação dos filhos seja uma obrigação do casal, muitas mulheres acabam tomando para si tal tarefa, o que seria bem mais difícil se ela tivesse um emprego em que a flexibilidade de horários fosse limitada.

Figura 3.1 - Empreendedores em estágio inicial (TEA) segundo gênero – Brasil – 2001:2011



Fonte: GEM Brasil 2001:2011

Além disso, há também o famoso “teto de vidro, em que mulheres não conseguem atingir as posições mais altas da hierarquia de uma empresa. Embora tal cenário venha se transformando, é fato que no Brasil as mulheres ainda recebem um salário menor que os homens e ainda são poucas as que ocupam cargos de direção. Levantamentos realizados anualmente pelo IBGE, com base na Pesquisa Mensal de

Emprego, constata que as mulheres recebem em média 30% menos do que os homens. Isto, aliado ao fato de que as mulheres possuem mais anos de estudo do que os homens, acaba se refletindo no aumento do índice do empreendedorismo feminino e na percepção, por parte da mulher, de que o empreendedorismo pode ser uma opção de carreira interessante para elas.

3.3 Empreendedores segundo a faixa etária

Pela análise do Quadro 3.2, pode-se perceber que tanto nos países do grupo fatores quando nos países do grupo eficiência existe uma maior dinâmica de empreendedorismo em estágio inicial na faixa dos 25 a 34 anos. Já no grupo-inovação, a dinâmica se desloca,

Quadro 3.2 - Taxa de empreendedores em estágio inicial (TEA) segundo a faixa etária – Grupo de Países – 2011

Faixa Etária	Empreendedores iniciais para grupos de países				
	Todos os Países (54 países)	Impulsionados por fatores (7 países)	Impulsionados pela eficiência (24 países)	Impulsionados pela inovação (23 países)	Brasil
	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa
18 a 24 anos	9,11	10,67	12,37	5,24	12,82
25 a 34 anos	13,56	16,00	17,83	8,36	17,85
35 a 44 anos	12,79	15,17	16,28	8,43	17,24
45 a 54 anos	10,39	13,34	12,91	6,87	13,06
55 a 64 anos	6,76	8,81	8,24	4,59	9,33

Fonte: GEM 2011

Nota: As taxas são apresentadas na forma de percentual (%).

ainda que com uma pequena diferença, para a faixa dos 35 a 44 anos. O Brasil segue a distribuição do seu grupo-eficiência, concentrando o empreendedorismo na faixa dos 25 a 34 anos.

3.4 Empreendedores segundo a renda

A renda familiar dos empreendedores brasileiros foi analisada seguindo a divisão proposta pelo Relatório Global GEM, a fim de se comparar todos os países participantes. Assim, a renda dos entrevistados foi colocada em ordem crescente e identificados três

intervalos de renda – mais baixa, intermediária e mais alta, sendo que cada grupo é formado por um terço dos participantes da pesquisa. É claro perceber que a renda de corte entre os três intervalos de renda difere de país para país, mas as proporções dos entrevistados são as mesmas em cada intervalo – 33% dos participantes.

O Quadro 3.3 mostra a taxa de empreendedores iniciais segundo a faixa de renda. Pode-se notar a maior taxa de empreendedores considerando os três grupos de desenvolvimento econômico e mesmo o Brasil se concentra entre os 33% de renda mais alta.

Quadro 3.3 - Empreendedores em estágio inicial (TEA) segundo a faixa de renda – Grupo de Países – 2011

Faixa de Renda	Empreendedores iniciais para grupos de países				
	Todos os Países (54 países)	Impulsionados por fatores (7 países)	Impulsionados pela eficiência (24 países)	Impulsionados pela inovação (23 países)	Brasil
	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa
33% Mais baixa	5,27	7,04	7,13	2,98	9,48
33% Intermediária	6,89	7,89	9,60	3,76	12,62
33% Mais alta	9,83	10,01	13,52	5,93	15,65

Fonte: GEM 2011

Nota: As taxas são apresentadas na forma de percentual (%).

3.5 Empreendedores segundo a escolaridade

O Relatório Global GEM 2011 aponta que em economias do grupo-eficiência quanto maior o nível de educação maior o prevalectimento de empreendimentos em estágio inicial. Já no grupo-inovação há uma preponderância de empreendedores com ensino médio completo em relação àqueles com ensino superior, o que pode ser explicado pela provável maior oferta de empregos com salários mais altos nestes países.

Entretanto, ao observar o Quadro 3.4, é possível notar que, enquanto nos países do grupo-inovação a taxa de empreendedores

aumenta à medida que os indivíduos aumentam seu nível de escolaridade, no Brasil tal relação se mostrou inversa, ou seja, as taxas são menores à medida que o nível de escolaridade aumenta. Tal fato pode ter pelo menos três explicações. A primeira deve-se ao fato da alta taxa de empreendedores por necessidade ainda existente no Brasil, apesar desse indicador ter melhorado substancialmente nos últimos anos. A segunda explicação refere-se à alta demanda por mão de obra qualificada pelas empresas brasileiras, que se encontram em um momento de expansão econômica forte e com altos níveis de recrutamento e seleção de empregados. Finalmente, pode-se considerar o baixo nível de escolaridade da população. A Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2009 indica que a taxa da população brasileira com mais de 15 anos de escolaridade é de 6,3%. Assim, é possível que aqueles com escolaridade superior encontrem melhores oportunidades de renda em ofertas de empregos estáveis.

Quadro 3.4 - Empreendedores em estágio inicial (TEA) segundo o nível de escolaridade – Grupo de Países – 2011

Nível de escolaridade	Empreendedores iniciais para grupos de países				
	Todos os Países (54 países)	Impulsionados por fatores (7 países)	Impulsionados pela eficiência (24 países)	Impulsionados pela inovação (23 países)	Brasil
	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa
Primeiro grau completo	8,02	11,20	10,58	4,38	15,12
Segundo grau completo	10,44	14,74	13,76	5,67	15,05
Universidade	12,45	13,18	16,32	8,19	13,97
Pós-graduação	12,92	19,81	15,38	8,65	9,57

Fonte: GEM 2011

Nota:

As taxas são apresentadas na forma de percentual (%).

Primeiro grau completo: inclui nenhuma educação formal, primeiro grau incompleto, primeiro grau completo e segundo grau incompleto.

Segundo grau completo: inclui segundo grau completo e curso superior incompleto.

Universidade: inclui curso superior completo, especializações e mestrado incompleto.

Pós-graduação: inclui mestrado completo e doutorado completo ou incompleto.

CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDIMENTOS

4.1 Geração de empregos

Um dos fatos mais evidentes sobre o empreendedorismo é seu impacto na geração de emprego e renda em um país, principalmente nos países em desenvolvimento. De fato, o crescimento no número de empregados é um dos indicadores mais utilizados na prática da gestão empresarial e nos estudos acadêmicos para medir o desempenho de uma empresa. Diante disto, o GEM analisa a expectativa de criação de empregos tanto nos empreendedores em estágio inicial quanto nos empreendedores estabelecidos. A Pesquisa GEM perguntou aos empreendedores quantos empregados eles possuíam no momento da pesquisa e quantos empregados eles esperavam ter depois de cinco anos. Esta diferença representa a expectativa de crescimento do negócio no período.

No Quadro 4.1 é possível notar que entre os empreendedores em estágio inicial no Brasil a expectativa de criação de 20 ou mais empregos caiu quase pela metade entre 2010 e 2011. Em 2010, 8% dos empreendedores iniciais esperavam criar um volume alto de empregos, mas em 2011 apenas 4,3% tinham a mesma expectativa. Uma queda também pode ser notada entre os empreendedores que esperam criar de 6 a 19 empregos, variando de 15,2% em 2010 para 13% em 2011. Com isso nota-se que a confiança de crescimento do empreendedor em estágio inicial está diminuindo, fruto talvez da expectativa menor de crescimento do país para os próximos anos, fato bastante divulgado pela imprensa. É interessante notar que tal tendência não é verificada entre os empreendedores estabelecidos, cuja proporção de criação de 20 ou mais empregos subiu de 4% em 2010 para 5,3% em 2011. A proporção de criação de 6 a 19 empregos também subiu, de 5,2% em 2010 para 5,8% em 2011.

Quadro 4.1 - Empreendimentos segundo a expectativa de geração de empregos – Brasil – Comparativo 2010-2011

Número de Empregos	Empreendimentos Iniciais		Empreendimentos Estabelecidos	
	2010	2011	2010	2011
	Prop.(%)	Prop.(%)	Prop.(%)	Prop.(%)
Nenhum emprego	36,74	33,86	54,58	45,19
De 1 a 5 empregos	40,15	48,82	36,25	43,75
De 6 a 19 empregos	15,15	12,99	5,18	5,77
Mais de 20 empregos	7,95	4,33	3,98	5,29

Fonte: GEM Brasil 2011

4.2 Impacto no mercado em termos de novidade do produto e concorrência

O GEM 2011 apresenta dados que colocam o empreendedor brasileiro, tanto em estágio inicial quanto estabelecido, como aquele que tem encontrado dificuldade em inovar, no sentido de trazer novos produtos ao mercado com baixo nível de concorrência. O Quadro 4.2 indica que, dos empreendedores brasileiros em estágio inicial pesquisados, apenas 6,88% afirmam ter introduzido novidade no produto e ter simultaneamente uma baixa concorrência, o que

Quadro 4.2 - Empreendimentos em estágio inicial segundo a concorrência e novidade do produto – Grupo de Países – 2011

Tópico de Inovação	Empreendedores iniciais para grupos de países								
	Todos os Países (54 países)		Impulsionados por fatores (7 países)		Impulsionados pela eficiência (24 países)		Impulsionados pela inovação (23 países)		
	Prop.(%)	País	Prop.(%)	País	Prop.(%)	País	Prop.(%)	País	
Combinação de concorrência e novos produtos (1)	Mais alta	57,35	Chile	34,99	Guatemala	57,35	Chile	54,13	Dinamarca
	Média	26,51	...	17,74	...	26,36	...	29,33	...
	Mais baixa	6,78	Bangladesh	6,78	Bangladesh	6,88	Brasil	14,06	Japão
	Brasil	6,88	53ª	6,88	24ª

Fonte: GEM 2011

(1) Afirmam ter poucos ou nenhum concorrente e o produto/serviço oferecido ser novo para alguns ou para todos.

nos coloca na penúltima posição, dentre os 54 países pesquisados, apenas atrás de Bangladesh. Quando comparado aos países do grupo-eficiência, o Brasil fica na última posição.

Ao se analisar a mesma característica de combinação de concorrência e novos produtos, entre os empreendedores estabelecidos, a posição relativa do Brasil quase não sofre alteração, como pode ser observado no Quadro 4.3. Neste caso, apenas 2,94% dos empreendedores afirmam combinar novos produtos com baixa concorrência, colocando o Brasil na penúltima posição do ranking, seja entre todos os países, seja apenas entre os países do grupo-eficiência, ficando apenas atrás da Bósnia Herzegovina.

Quadro 4.3 - Empreendimentos estabelecidos segundo a concorrência e novidade do produto – Grupo de Países – 2011

Tópico de Inovação		Empreendedores estabelecidos para grupos de países							
		Todos os Países (54 países)		Impulsionados por fatores (7 países)		Impulsionados pela eficiência (24 países)		Impulsionados pela inovação (23 países)	
		Prop.(%)	País	Prop.(%)	País	Prop.(%)	País	Prop.(%)	País
Combinação de concorrência e novos produtos (1)	Mais alta	38,76	Chile	32,78	Guatemala	38,76	Chile	33,33	França
	Média	14,70	...	14,83	...	15,04	...	14,32	...
	Mais baixa	1,12	Bósnia e Herz.	3,69	Bangladesh	1,12	Bósnia e Herz.	4,11	Portugal
	Brasil	2,94	53ª	2,94	23ª

Fonte: GEM 2011

(1) Afirmam ter poucos ou nenhum concorrente e o produto/serviço oferecido ser novo para alguns ou para todos.

4.3 Tecnologia

O sucesso e a capacidade de crescimento de um negócio estão intimamente relacionados a sua inovação tecnológica. Por essa razão, a pesquisa do GEM procura identificar junto aos empreendedores a idade da tecnologia incorporada em seus negócios. Isto é levantado por meio de questionamento se a tecnologia adotada está disponível há menos de um ano (mais alta), de um a cinco anos (média) ou mais de cinco anos (mais baixa).

Na análise do GEM 2011, os empreendedores brasileiros em estágio inicial, parecem adotar pouca inovação tecnológica em seus negócios, ficando na 46ª posição entre os 54 países que participaram

da pesquisa e na 21ª posição entre os 24 países do grupo-eficiência. Já, em relação aos empreendedores estabelecidos, a posição relativa brasileira melhora significativamente. Para esse grupo cujos negócios possuem mais tempo de existência, o Brasil salta para a 36ª posição em relação aos 54 países participantes do estudo e para a 13ª posição, considerando os 24 países do grupo-eficiência. Tais resultados podem sugerir que, no Brasil, em comparação com outros países, a adoção de novas tecnologias ocorre em um nível maior de maturidade do empreendimento. Isto de certa forma é um reflexo da realidade brasileira, dado que a compra de ativos de nível tecnológico alto ou médio exige investimentos de capital. Apesar de haver linhas específicas no Brasil para se adquirir ativos a taxas de juros razoáveis, a maioria das empresas acaba deixando a compra de novas tecnologias para um momento posterior aos seus primeiros anos de existência.

4.4 Orientação internacional

O quadro 4.4 apresenta a taxas que expressam a orientação internacional dos empreendimentos dos países participantes do GEM em 2011.

Dentre todas as economias pesquisadas, as que mais contam com empresas em estágio inicial internacionalizadas são as do grupo-inovação, com 60,18% de seus empreendedores iniciais, em média, vendendo para o exterior. Nas economias do grupo-eficiência o valor médio é de 43,16%. Nas economias dos países do grupo-fator apenas 16,15% de suas empresas exportam. Na média de todos os países, 46,90% dos empreendedores iniciais têm alguma venda para consumidores de fora do país. Nos empreendedores estabelecidos, o ranking de internacionalização dos três grupos é o mesmo dos empreendedores iniciais.

O país com menor orientação internacional entre todos os países e entre as economias do grupo-fator é a Guatemala, dado que 98,49% de suas empresas não têm qualquer contato com o mercado externo. O país de maior inserção internacional é a República Tcheca, do grupo-inovação, dado que apenas 10,76% das empresas Tcheças não têm qualquer venda para consumidores estrangeiros. Neste

RECOMENDAÇÕES DE MELHORIAS NO AMBIENTE PARA EMPREENDER NO BRASIL - VISÃO DOS ESPECIALISTAS ENTREVISTADOS

No item 1.2 deste trabalho foram resumidos os fatores favoráveis e limitantes ao empreendedorismo no Brasil citados pelos especialistas entrevistados em 2011. A partir deles são apresentadas as recomendações que se concentram em cinco quesitos: políticas governamentais, educação e capacitação, infraestrutura comercial e profissional, normas culturais e sociais e apoio financeiro.

Evidencia-se o fato de que a frequência das citações relacionadas a Políticas Governamentais vem caindo ano a ano. Pode-se buscar uma possível explicação para este fenômeno no número de municípios que implementaram a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas em 2011. A Lei traz diversos benefícios para o exercício das MPE's, dentre os quais se destacam:³

- o regime unificado de apuração e recolhimento dos impostos e contribuições da União, o chamado Imposto Simples;
- as desburocratizações tributárias;
- a dispensa do cumprimento de certas obrigações trabalhistas e previdenciárias;
- o estímulo à aquisição de inovações tecnológicas;
- a facilitação no parcelamento de dívidas para adesão ao Simples Nacional.

A relação entre política governamental e ensino de qualidade é importante na eliminação da pobreza. A compilação dos resultados da pesquisa GEM 2011 apontados como limitantes pelos especialistas evidenciou a diferença existente entre os investimentos e a qualidade destinada ao ensino básico e ao ensino superior no Brasil. Com uma educação básica e serviços de saúde melhores há um aumento no

³ Para maiores detalhes, acessar <http://www.mpedata.com>

mesmo grupo-inovação a Espanha é o país menos internacionalizado entre os empreendedores em estágio inicial - 77,07% das empresas espanholas não têm qualquer contato com clientes externos. No rol dos países do grupo-eficiência, o Brasil possui o menor percentual de internacionalização, ficando também nas últimas posições na lista dos 54 participantes da pesquisa GEM 2011 com 93,91% de empreendedores iniciais sem consumidores no exterior. Deste mesmo grupo a Polônia é o país de maior orientação internacional. Somente 20,57% dos empreendedores iniciais deste país não têm vendas a estrangeiros.

Quadro 4.4 - Orientação internacional de empreendedores iniciais – Grupos de Países – 2011

Orientação Internacional		Empreendedores iniciais para grupos de países							
		Todos os Países (54 países)		Impulsionados por fatores (7 países)		Impulsionados pela eficiência (24 países)		Impuls	
		Prop. (%)	País	Prop. (%)	País	Prop. (%)	País		Prop. (%)
Nenhum consumidor no exterior	Mais alta	98,49	Guatemala	98,49	Guatemala	93,91	Brasil	77,07	
	Média	53,10	...	83,86	...	56,84	...	39,82	
	Mais baixa	10,76	República Tcheca	66,32	Irã	20,57	Polônia	10,76	
	Brasil	93,91	3º	93,91	1º	...	
De 1% a 25% dos consumidores são do exterior	Mais alta	69,34	República Tcheca	18,30	Jamaica	62,33	Polônia	69,34	
	Média	31,12	...	9,26	...	28,42	...	40,60	
	Mais baixa	1,30	Guatemala	1,30	Guatemala	3,73	Panamá	15,64	
	Brasil	5,77	48º	5,77	21º	...	
De 25% a 75% dos consumidores são do exterior	Mais alta	26,19	Romênia	6,16	Jamaica	26,19	Romênia	23,67	
	Média	9,47	...	2,22	...	9,33	...	11,81	
	Mais baixa	0,22	Guatemala	0,22	Guatemala	0,31	Brasil	3,63	
	Brasil	0,31	53º	0,31	24º	...	
Mais de 75% dos consumidores são do exterior	Mais alta	21,30	Irã	21,30	Irã	18,90	Panamá	15,72	
	Média	6,31	...	4,67	...	5,40	...	7,76	
	Mais baixa	0	Venezuela	0	Venezuela	0	...	1,71	
	Brasil	0	50º	0	23º	...	

Fonte: GEM 2011

Vale ressaltar que fica difícil comparar os números do Brasil com os demais países no tocante à internacionalização. Primeiro porque o Brasil é um país de dimensões continentais, que vem apresentando um alto consumo interno, fruto da ascensão econômica das classes D e E, o que garante demanda para a produção local. Segundo, a posição geográfica do país, isolada de grandes mercados, também dificulta a exportação. E terceiro, a pauta das exportações brasileiras está altamente concentrada em grandes e poucas empresas de commodities agrícolas, aviação ou minério, cuja probabilidade do empreendedor ser contatado pela pesquisa GEM é menor.

potencial do indivíduo de auferir renda e, deste modo, livrar-se da pobreza. Quanto mais inclusivo for o alcance da educação básica, maior será a probabilidade de superação da pobreza. O processo de desenvolvimento econômico supõe que ajustes institucionais, fiscais e jurídicos – além de incentivos para inovação e investimentos – são necessários, assim como fornecer condições para um sistema eficiente de produção e distribuição de bens e serviços à população.

O apoio financeiro para a atividade empreendedora foi apontado como o maior limitante na média dos países participantes da pesquisa GEM em 2011. No Brasil, as recomendações versam nas questões referentes à criação de linhas de crédito específicas para o empreendedorismo, mesmo com as altas taxas de juros reais praticadas no Brasil, e na criação de mais editais específicos para subvenção econômica para empresas em estágio inicial.

Os especialistas entrevistados frisaram a necessidade de se criar incentivos também para a média empresa, dado que o SIMPLES é direcionado às micro e pequenas empresas. Também apontaram a importância de se criar mecanismos que favoreçam o acesso a informações relativas ao empreendedorismo. Os canais de comunicação entre programas governamentais e empresas também, segundo eles, devem ser aprimorados.

Foi também dada bastante ênfase à necessidade de se criar uma cultura que incentive e favoreça a inovação nas empresas, bem como sobre a necessidade de uma maior disseminação da cultura empreendedora através da análise de empreendimentos de sucesso.

TÓPICO ESPECIAL - INTRAEMPREENDEDORISMO

Neste ano, o tópico especial é dedicado ao Intraempreendedorismo, o qual merece especial atenção por parte dos pesquisadores, tendo importância vital para o desenvolvimento social e econômico dos países. O intraempreendedorismo é definido como o empreendedorismo dentro de uma estrutura empresarial existente. Um meio de estimular e capitalizar os indivíduos em uma organização em que acham que algo pode ser feito de modo diferente e melhor.

Quanto maior o grau de desenvolvimento dos países, maior seu índice de Atividade Empreendedora de Empregados (EEA), como mostra o Quadro 6.1. O EEA é o correspondente da TEA para o intraempreendedorismo e é calculado dividindo-se o número de intraempreendedores pelo número total de entrevistados.

Quadro 6.1 - Atividade empreendedora de empregados (EEA) – Grupo de Países – 2011

Estágio		Grupos de Países							
		Todos os Países (52 países)		Impulsionados por fatores (6 países)		Impulsionados pela eficiência (24 países)		Impulsionados pela inovação (22 países)	
		Taxa	País	Taxa	País	Taxa	País	Taxa	País
EEA	Mais alta	13,50	Suécia	0,70	Argélia	4,39	Uruguai	13,50	Suécia
	Média	2,80	...	0,32	...	1,78	...	4,59	...
	Mais baixa	0	Bangladesh	0	Bangladesh	0,09	Panamá	1,27	Grécia
	Brasil	0,84	39 ^e	0,84	17 ^e

Fonte: GEM 2011

Nota : As taxas são apresentadas na forma de percentual (%).

Nesse contexto, a Suécia aparece como país com maior nível de EEA do mundo, com taxa de 13,50% dos empregados envolvidos com atividades empreendedoras, valor consideravelmente superior à média dos países impulsionados pela inovação, que é de 4,59%. Dentre os participantes da pesquisa, a Grécia aparece como o país com menor taxa de EEA, com apenas 1,27% dos empregados envolvidos com atividades empreendedoras. No outro extremo, Bangladesh não

possui qualquer atividade intraempreendedora com taxa de 0 %. Bangladesh pertence aos países do grupo-fator, que possuem média de 0,32% e têm na Argélia o país com maior EEA (apenas 0,70%).

O Brasil aparece na 39ª posição entre os países pesquisados, com taxa de 0,84% de atividade empreendedora de seus empregados, e na 17ª posição entre 24 países integrantes do grupo-eficiência. A média desse grupo é de 1,78% e tem o Uruguai como o país com maior taxa de EEA, com 4,39%.

Como os países do grupo-fator ainda têm problemas relacionados à infraestrutura, a atividade intraempreendedora em geral é prejudicada. Nesse sentido, avançando-se no grau de desenvolvimento dos países, observa-se um aumento do nível de EEA. Isto ocorre porque sendo a Pesquisa e Desenvolvimento a força-motriz das empresas dos países do grupo-inovação, o estímulo à criação de novas tecnologias, novos produtos e serviços é essencial para o crescimento das empresas, que podem se capitalizar nas ideias de seus empregados. Assim, em ambientes onde o investimento em P&D (pesquisa e desenvolvimento) é alto, se a empresa não tiver políticas claras para o aproveitamento dos projetos dos empregados, estes acabam por se frustrar e podem deixar as empresas para tentar empreender por conta própria. Este foi, inclusive, um dos pilares que acabou gerando a inovação aberta, tão discutida nos dias de hoje.

Execução



Patrocinador Master



Outros Parceiros no Brasil



Coordenação Internacional



Organizações Fundadoras e Patrocinadores Internacionais

